



**PAGUE MENOS RECUSOU OFERTA ESTRANGEIRA E VAI FAZER IPO**

REGISTRO: 16/10/2014

DATA: 21/09/2014

TIPO DE VEÍCULO: JORNAL

VEÍCULO: JORNAL GAZETA DO POVO / CURITIBA / PR

SEÇÃO: ECONOMIA

PÁGINA: 05

CM: 37,5

CATEGORIA: ECONOMIA

VALOR: 12.037,50

TIRAGEM: 80.900

---

## » FARMÁCIAS

## Pague Menos recusou oferta estrangeira e vai fazer IPO

SÃO PAULO  
Reuters

Terceiro maior grupo de farmácias do Brasil em receita, a cearense **Pague Menos** sofreu assédio de companhias estrangeiras interessadas em

uma aquisição no país, mas afastou a possibilidade em meio a uma onda global de consolidação no setor. "Não estou disposto a vender o controle e eles só querem se for o controle", afirmou o fundador e presidente da com-

panhia, Francisco Deusmar Queirós. "Estive com o pessoal da Boots e eles sabem (desta condição), são bons amigos", disse o executivo, dando como exemplo de interessados que procuraram a Pague Menos a maior rede de far-

mácias da Europa. Por trás do interesse das companhias no mercado brasileiro, estão as perspectivas de crescimento do setor, apesar da fraca expansão da economia.

Na avaliação de Queirós, o Brasil é o destino natural de quem busca investir na região. "Quem entra na América Latina quer o Brasil", disse o empresário. "Mais cedo ou mais tarde eles vão chegar", emendou. Dando prosseguimento à onda de con-

solidação no setor, a própria Boots foi objeto de aquisição da gigante norte-americana Walgreens, que anunciou no último mês que comprará os 55% da companhia que ainda não possui, em negócio avaliado em cerca de US\$ 15 bilhões. Por sua vez, a CVS, maior rival da Walgreens nos Estados Unidos, já colocou os pés no Brasil com a aquisição da Onofre no início do ano passado.

Segundo Queirós, está nos

planos da Pague Menos abrir lojas nos Estados Unidos, mas apenas depois de captar dinheiro no mercado com uma oferta pública inicial de ações — plano que está em suspensão em função das condições de mercado. "Ainda não sei quando ocorrerá o IPO, eu vou (para a bolsa) quando estiver consolidada uma expectativa de Brasil como boa alternativa de investimento. Pode ser lá para 2016 ou 2017", afirmou o executivo.

## » BOLSA

## Eleição atíca mercado de derivativos

SÃO PAULO  
Estadão Conteúdo

Os efeitos do período eleitoral no mercado brasileiro, levando a uma crescente volatilidade, têm provocado um aumento dos volumes de derivativos, levando a níveis recordes de negócios no segmento BM&F da Bolsa. A procura por esses instrumentos tem se concentrado nos dias de vencimento no curto prazo, exatamente entre o primeiro e segundo turno e após o desfecho do pleito eleitoral.

Gestores afirmam que a grande volatilidade tem gerado oportunidades de ganho e que abriu espaço para se aproveitar as diferenças de preços via arbitragens. Em outros casos, destacam, a atuação no mercado de opções, por exemplo, tem sido a estratégia para a proteção de uma posição. "Há muita incerteza e o uso tem dependido da aposta do gestor ou de onde ele vê um risco maior", disse uma das fontes.

"O mercado vem se movimentando muito pelas pesquisas e os negócios estão muito direcionados pelas expectativas do resultado da eleição. A volatilidade aumentou muito e tem gerado opções de investimentos via derivativos", destaca a executiva da Guide, Aline Sun. Ela lembra que um dos benefícios do uso dos derivativos é que ele permite maior agilidade do investidor para se movimentar, para captar de forma mais eficiente os movimentos de mercado.

A Bolsa tem informado sobre os recordes de negócios no segmento BM&F desde meados de agosto. O último aconteceu no dia 12 de setembro, na semana passada, quando 292.669 negócios foram feitos no segmento BM&F. O recorde anterior era de 261.314 negócios, quatro dias antes. No dia 12, pela manhã, o Ibope divulgava pesquisa de intenção de voto para presidente.

Na XP Investimentos, por exemplo, a opção de venda do Índice Bovespa tem sido utilizada para estrutura de proteção da carteira dos clientes, conta o sócio-diretor, responsável pela corretora de varejo, Raony Zeferino. Segundo ele, no entanto, o uso dos derivativos não se restringe a proteção de carteira dos investidores. "Tanto investidor local quanto estrangeiro tem usado para se proteger, mas também para especular", destaca, apontando que há uma concentração nos vencimentos em outubro e dezembro.